

VISÃO FEST

24.10.2020 às 16h26



TERESA CAMPOS JORNALISTA

“Quando temos fogos e inundações, temos deslocados. Antigamente, deviam-se a guerra e a conflitos, hoje o paradigma mudou”

A razão maior para sermos ambientalmente empenhados, aqui explicada, no VISÃO FEST Verde, por Pedro Matos Soares, geofísico do Instituto Dom Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, especialista em alterações climáticas

A missão de Pedro Matos Soares, o físico da atmosfera do Instituto Dom Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, neste VISÃO FEST Verde, era explicar como e por que razões o clima está a mudar – mas o seu maior trunfo foi ter traduzido em poucas palavras que os maiores prejudicados, os que correm maiores riscos, com a aceleração das alterações climáticas no planeta, somos nós que o habitamos.

Os mapas que trouxe à Estufa Fria, em Lisboa são bem elucidativos. Confirmam que sempre houve variabilidade climática no planeta, da temperatura e das emissões de CO₂, mas sempre foram arrefecimentos e aquecimentos que decorrem durante milhares de anos. “Escala longa de variação, portanto”, sublinhou o geofísico. “Mas o que testemunhamos agora são escalas muito menores, que ocorrem em 100 anos, 50 anos... E a correlação com o aumento dos gases com efeito de estufa na atmosfera é inequívoco”.

Isto tudo para dizer “quão extraordinário o momento que vivemos hoje em dia”, reafirmando que os valores atuais, e as projeções que permitem fazer, estão fora da variabilidade normal. “Não são próprios do planeta Terra”, insistiu Matos Soares. “Uma coisa são variações em milhares de anos, outra é este aumento forçado, acelerado do clima.”

“O maior problema não é a mudança do clima, é a rapidez com que acontece”

Os efeitos, já estampados no último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), já são mais que visíveis – como o degelo, o aumento do nível da água do mar e da temperatura. “Nos últimos anos, batemos o recorde da subida média de temperatura 19 vezes”, acrescentou o especialista. Mas não é só. “Temos variações em todas as variáveis meteorológicas”.

Exemplos? “Temos visto o drama que se vive no ártico, com recordes de diminuição da superfície gelada e também da espessura do gelo. A cada ano que passa, temos menos volume de gelo. Se temos degelo, temos subida do nível do mar. “Em cem anos, o aumento é dez vezes maior.”

O grande problema, sublinha, “não é a mudança, é a rapidez com que acontece. Ano após ano, deparamo-nos com o aumento de situações extremas, batemos recordes em fogos com maior dimensão – e não só nas zonas mediterrânicas, mais propensas a isso. São cada vez maiores e em todas as latitudes do mundo.”

“Dos 33,4 milhões de deslocados no mundo, 24,9 milhões são devido a desastres naturais” E quem vai viver com tudo isso? “A questão mais problemática dos efeitos das alterações climáticas é a vida das pessoas. Quando temos fogos e inundações extremas, temos deslocados. Se antigamente, a maioria destes casos estavam irremediavelmente associados a guerras e a conflitos, hoje vemos que o paradigma mudou.” Os números contam o resto. “Em 33,4 milhões de deslocados no mundo, há 8.5 milhões que fogem de conflitos armados. Os outros 24,9 milhões são devido a desastres naturais.”

Mas não se pense que há aqui uma mensagem sem esperança – afinal o conhecimento atual dá-nos “ferramentas para enfrentar o problema”. E isto quer dizer modelos físico-matemáticos que nos permitem conhecer o clima até ao final do século.

“Sabemos, por exemplo, como vai ser o clima em Portugal e que há uma redução dos níveis de precipitação, sobretudo a sul, que é onde hoje já temos mais problemas de abastecimento de água.” Tudo acompanhado com aumentos de temperatura entre os 3 e os 6 graus, e meia dúzia de ondas de calor anuais, que, em alguns casos, podem chegar aos 40 dias. “Mas esta informação permite-nos enfrentar o futuro de forma diferente. Cabe-nos a nós, enquanto sociedade, tomar decisões ou forçá-las para melhor lidar com o problema.”